

A compreensão do território Kaingang no Oeste Paulista a partir da cultura material: possibilidades interpretativas na análise arqueológica

Robson Rodrigues*

RODRIGUES, R. A compreensão do território Kaingang no Oeste Paulista a partir da cultura material: possibilidades interpretativas na análise arqueológica. R. Museu Arq. Etn., 27: 44-54, 2016

Resumo: O estudo da cultura material de populações indígenas contemporâneas constitui-se em um objeto privilegiado de pesquisa e aprendizado para os arqueólogos, pois permite uma compreensão da dinâmica dos processos de produção e uso dos itens materiais na construção cultural de um povo. No decorrer do processo histórico, os Kaingang, devido ao contato interétnico, diminuíram drasticamente a sua produção oleira, assim como o seu modo de ocupação e utilização do espaço e sistema de assentamento. Tendo como intenção construir modelos interpretativos sobre aspectos do comportamento e da dinâmica social pretérita e ao mesmo tempo compreender como os diferentes elementos históricos provenientes do processo de expansão capitalista provocaram alterações no modo de ser indígena, o caminho que venho percorrendo em minha pesquisa define um panorama do mapa da ocupação Kaingang no Oeste Paulista a partir de dados gerados pelas interpretações arqueológicas na análise da cultura material e da documentação histórica identificada durante as pesquisas no território indígena.

Palavras-chave: Território Kaingang; Tecnologia cerâmica; Oeste Paulista; Etnoarqueologia; Documentação histórica.

(...) Uma comissão de sindicância criada para estudar os conflitos verificou que todos esses ataques resultaram em menos de quinze mortes de civilizados. Em contraposição, nessa época, foram realizadas diversas chacinas que levaram a morte a aldeias inteiras dos Kaingang. (...) Nesse mesmo período, a malária, a febre amarela silvestre, a úlcera de Bauru que grassavam a cada ano, deram cabo a mais de quinhentos trabalhadores. Entretanto, segundo as publicações da empresa ferroviária

interessada em ocultar tamanha mortalidade, o inimigo era o índio; o grande obstáculo ao prosseguimento da construção e à abertura das fazendas seria a hostilidade dos Coroados. Por fim, era tamanho o terror, tanto dos índios como dos civilizados, que todos viviam em vigília, interpretando cada sombra, cada ruído, como indício da iminência de um ataque. (...) E vão surgindo interessados em manter o ambiente de pavor, criadores de histórias fantásticas, que através delas compraram terras desvalorizadas pelo terror ao índio, empreiteiros de batidas estipendiados pela Estrada e por subscrições públicas que começam a entrever possibilidades eleitorais pelo prestígio que alcançavam após cada chacina, e, por fim, a própria Estrada que, assim desviava a atenção da principal causa de

(*) Arqueólogo. Doutor em Arqueologia pelo MAE/USP. Pesquisador e Pós-Doutorando do Instituto de Ciências Sociais da Universidade Federal de Uberlândia - INCIS/UFU - MG; PNPd/CAPES; Fundação Araporã. <robson_arqueo@yahoo.com.br>

suas dificuldades para aliciar trabalhadores e mantê-los no serviço, que eram as epidemias". (Ribeiro 1986: 103).

Ao longo de minha trajetória acadêmica venho realizando pesquisas que procuram relacionar a Arqueologia com a história de longa duração do grupo étnico Kaingang, população do tronco linguístico Macro-Jê e ocupante das terras da região oeste do estado de São Paulo¹. Neste texto apresentarei alguns aspectos e informações destas pesquisas a partir da ideia central que é o de entender a sociedade Kaingang no que se refere à produção, uso e descarte material, em especial da cerâmica, assim como o seu modo de ocupação e utilização do espaço e sistema de assentamento, a fim de elaborar modelos interpretativos sobre aspectos do comportamento e da dinâmica social pretérita e ao mesmo tempo compreender como os diferentes elementos históricos provocaram alterações no desenvolvimento tecnológico Kaingang, gerando dados que contribuam para as interpretações arqueológicas sobre os processos de formação do registro arqueológico, tendo em vista a elaboração e ampliação do mapa de localização das evidências Kaingang no oeste do Estado de São Paulo. Ou seja, a principal linha de trabalho é a de definir um panorama regional que fundamenta a construção do mapeamento geográfico dos antigos domínios Kaingang.

A partir das pesquisas em fontes etno-históricas estamos construindo um mapa da distribuição das ocupações da população Kaingang no Oeste Paulista com enfoque nas antigas aldeias localizadas no Planalto Ociden-

tal Paulista em terras do médio/alto curso do rio Feio/Aguapei e do rio do Peixe, na bacia do Paraná.

Para os procedimentos de prospecção arqueológica que venho adotando e que brevemente apresentarei neste texto, o recorte do universo pesquisado foi a definição de módulos geográficos que se baseiam, em termos gerais, nas áreas já identificadas em mapas históricos e nos relatos orais dos informantes Kaingang. O principal parâmetro consiste no que Araújo (2001) definiu como "*levantamento abrangente extensivo*".

Procurando entender como a dinâmica da ocupação espacial Kaingang acontecia no contexto da região identificada como "*sertão desconhecido*", no oeste do Estado de São Paulo, buscamos nas fontes textuais os dados e informações a respeito dos diferentes locais identificados por ocorrências concretas da presença desse grupo étnico.

Ao desenvolver minha investigação na área definida para a pesquisa, para avançar na descrição e identificação da presença Kaingang, procurando somar dados para o aprimoramento do mapa da ocupação territorial nesse contexto, utilizei informações descritas nos documentos históricos, na memória da população indígena e nos vestígios arqueológicos. Nesse aspecto, o principal desafio de minha pesquisa é desenvolver uma leitura do registro arqueológico procurando perceber aspectos da etnicidade do grupo que confeccionou os artefatos encontrados em campo para fundamentar hipóteses a respeito da territorialidade, mobilidade e tecnologia indígena.

O estudo da cultura material de populações indígenas contemporâneas é um objeto privilegiado de pesquisa e aprendizado para os arqueólogos. De modo mais amplo meu interesse na Arqueologia está em responder questões sobre a dinâmica e o funcionamento da cultura, a partir da inter-relação entre a construção simbólica e a materialidade das sociedades e a lógica interna que possibilita a sobrevivência de certos modos culturais. Nesse sentido, a Etnoarqueologia passa a ser um novo modo de pensar o registro arqueológico, pois permite uma abordagem que visa proporcionar os meios para que se possa interpretar a estática do

¹ Como pesquisador de pós-doutorado junto ao Centro de Estudos Indígenas "Miguel A. Menendez" (CEIMAM) da Faculdade de Ciências e Letras (FCL), Universidade Estadual Paulista (UNESP) desenvolvi a pesquisa intitulada "*Estudos etnoarqueológicos da população Kaingang no Oeste Paulista: produção tecnológica e ocupação espacial*", entre os anos de 2010 e 2011, e pelo Museu de Arqueologia e Etnologia (MAE), Universidade de São Paulo (USP), desenvolvi minhas pesquisas que resultaram na elaboração tese de doutorado intitulada "*Os caçadores-ceramistas do sertão paulista: um estudo etnoarqueológico da ocupação Kaingang no vale do rio Feio/Aguapei*", defendida em junho de 2007.

registro arqueológico, tendo como referencial a dinâmica do contexto etnográfico, ou seja, permite que hipóteses, modelos e teorizações sejam testadas a partir do estudo da cultura de sociedades contemporâneas.

O caminho para se atingir o objetivo proposto percorre um trajeto marcado pela associação de elementos arqueológicos, históricos, etnográficos e geográficos. Dessa forma pela abordagem etnoarqueológica, estudos etno-históricos embasam diretamente as análises arqueológicas, se somando, também, aos dados retirados de fontes publicadas, de arquivos, de resultados experimentais, pesquisa de campo etnográfica e a pesquisa museográfica, num sistema de retroalimentação que amplia o conhecimento sobre o tema analisado.

No caso Kaingang esses elementos são importantes uma vez que, tanto a cerâmica como as áreas ocupadas por esta população, são indicadores dos contextos arqueológicos. Os estudos sobre conjuntos etnográficos auxiliam nas interpretações arqueológicas, especialmente no que se refere ao problema da variabilidade artefactual. Esses elementos possibilitam uma análise dos diversos aspectos sobre os processos de formação dos registros arqueológicos no que diz respeito às variáveis responsáveis pela disposição e configuração destes diferentes materiais nos contextos ambientais.

O registro arqueológico, constituído pelos vestígios materiais que foram formados, transformados e depositados no âmbito dos diferentes fatores naturais e culturais, é um importante elemento no processo de compreensão arqueológica da dinâmica humana. Os fatores culturais estão relacionados ao comportamento humano a partir das atividades de produção, uso e descarte dos elementos materiais que resultam na formação desse registro. Já os fatores naturais são constituídos pelos acontecimentos pós-deposicionais que se formaram a partir do ambiente natural e que atuam nos depósitos arqueológicos. Fatores como a erosão, sedimentação, intemperismo, agentes biológicos, etc., contribuem para sua destruição ou mesmo preservação das evidências materiais.

Os processos de formação, portanto, determinam a variabilidade do registro arqueológico,

sendo responsáveis pela configuração, modificação e destruição dos sistemas deposicionais dos materiais encontrados nos diferentes ambientes naturais.

A partir da abordagem etnoarqueológica podemos compreender os processos de formação do registro arqueológico, bem como entender as relações existentes entre o comportamento humano e os vestígios materiais que deles resultam, revelando, além das variabilidades dos processos de formação, seus efeitos físicos e suas regularidades (Silva 2000a, 2000b; Schiffer 1972, 1978, 1983).

Dentre os materiais produzidos pelos Kaingang a cerâmica passa a receber um tratamento mais detalhado nos trabalhos sobre a cultura material dessa população, principalmente no que se refere aos aspectos relativos à morfologia e usos na perspectiva de *"documentar as técnicas, e talvez esclarecer o significado da cerâmica preta polida encontrada em certos sítios arqueológicos do Estado, que certamente não pode ser atribuído à tradição cerâmica tupiguarani"* (Miller 1978: 4).

No caso do uso do espaço atual esse só pode ser compreendido ao se considerar *"as condições de confinamento, as restrições territoriais e a superpopulação presente na área de estudo, portanto, o transcurso histórico desta população até alcançar os dias de hoje"* (Landa 2005: 22).

Cabe ressaltar que no Brasil existem poucos trabalhos de pesquisa que procuram analisar o cenário etnográfico de populações indígenas a partir de uma perspectiva etnoarqueológica, o que limita as reflexões sobre contextos arqueológicos cujo estudo assume, na maioria das vezes, um caráter tipológico e classificatório. É preciso reconhecer a importância de se trabalhar com estes documentos procurando contextualizá-los em termos do ambiente ecológico em que se inserem os indivíduos que os produziram, da sua organização social e modo de ocupação do espaço, da percepção estética, entre outros elementos, para a obtenção de dados relativos a possíveis transformações ocorridas ao longo do tempo na morfologia e nas técnicas de elaboração dos artefatos e no uso de matérias primas.

Ao mesmo tempo, na medida em que se avança na sistematização dos dados da pesquisa

em curso procuramos refletir sobre a relação dessas possíveis transformações com aspectos relacionados ao contato desta população indígena com a sociedade nacional e a disponibilidade e acesso às matérias primas necessárias para a elaboração dos objetos, já que, como bem argumenta Landa, “*não é possível estudar uma sociedade centrada nela mesma, desconsiderando o seu entorno e o aspecto relacional que mantém com este*” (Landa 2005: 22).

No decorrer do processo histórico, os Kaingang, devido ao contato interétnico, diminuíram drasticamente a sua produção oleira. Nesse sentido, estudos contextualizados sobre esse tema são fundamentais na tentativa de preservação deste patrimônio e, juntamente com ele, de aspectos importantes das culturas indígenas sul-americanas. Portanto, é importante retomar a análise dos diferentes usos e refletir mais detalhadamente sobre a manutenção e destruição dos objetos cerâmicos, tema ainda pouco explorado no trabalho desenvolvido por Miller em 1978 e que se constitui no interesse fundamental para o entendimento dos processos de formação dos registros arqueológicos associados à dinâmica espacial Kaingang. Além desse aspecto, é necessário aprofundar-se no entendimento da produção material desse grupo étnico, procurando ressaltar a sua relação com aspectos cognitivos, estéticos, ecológicos e simbólicos.

Contexto ambiental da área de pesquisa

A área de pesquisa está inserida no Planalto Ocidental Paulista a partir de uma fração do Planalto Meridional Brasileiro, na bacia do Paraná. Entre o Vale do rio Paranapanema e rio Tietê, o planalto é cortado por importantes rios, dentre eles destacam-se o rio Feio/Aguapeí e o rio do Peixe. Em termos arqueológicos, a região compreendida pelos municípios inseridos no espigão que divide as bacias dos rios Feio/Aguapeí e do Peixe, nunca foram alvo de pesquisas sistemáticas, sofrendo apenas intervenções esporádicas e sem muito aprofundamento das pesquisas (Miller 1978).

Mais recentemente, estudos sistemáticos realizados por Rodrigues (2007) na bacia

hidrográfica do rio Feio/Aguapeí, como parte de um estudo para doutoramento, identificou a presença de numerosos sítios arqueológicos no município de Arco Íris, região de Tupã/SP. Trata-se, portanto, da primeira intervenção direta e que não esgota as possibilidades futuras.

Segundo informações do Comitê das Bacias Hidrográficas dos rios Aguapeí/Peixe (CBH-AP)², o substrato geológico dessa bacia é constituído por rochas vulcânicas e sedimentares da bacia do Paraná de idade mesozoica e depósitos aluvionares de idade cenozoica. A formação geológica de sua coluna estratigráfica é formada, respectivamente, pelo Grupo São Bento – formação Serra Geral; Grupo Bauru – formações Caiuá, Santo Anastácio, Adamantina e Marília; e depósitos Cenozoicos, estando inserida na Província Geomorfológica do Planalto Ocidental, que se

[...] constitui na continuidade física do reverso das Cuestas Basálticas, sendo que seus limites foram plotados convencionalmente junto à extensão dos sistemas de relevo peculiares a esta província, onde existem expressivos controles litológicos e estruturais. (CBH-AP 1997: 27).

O Planalto Ocidental geralmente apresenta relevo monótono de colinas amplas e baixas com topos aplainados e morrotes com suave caimento para oeste³; cotas altimétricas próximas a 500m nos limites orientais, com planícies aluviais de dimensões variadas, cujo embasamento é, segundo a CBH-AP (1997), constituído por rochas do Grupo Bauru, na grande maioria arenitos que por vezes apresentam cimento carbonático e silicoso.

As drenagens são predominantemente definidas por rios que têm seu desenvolvimento dentro dos limites da província, mostrando paralelismo de eixos na direção NW-SE. A

2 Relatório de situação dos recursos hídricos das bacias dos rios Aguapeí e Peixe realizado pela Fundação Paulista em 1997.

3 Uma exceção diz respeito à região mais acidentada de Marília-Garça-Echaporã onde se apresenta o Planalto de Marília com colinas amplas e médias que se desfazem em escarpas, espigões irregulares e vales.

presença de rápidos e corredeiras é comum ao longo da corrente d'água, estando, geralmente, condicionadas ao embasamento basáltico. A área apresenta como principais associações pedológicas os solos: Latossolo Vermelho Escuro, Podzólico Vermelho Amarelo, Litólico, Planossolo, Glei Pouco Húmico e Areais Quartzosos.

O clima da região caracteriza-se por tropical quente e úmido com chuvas no verão e com um a dois meses de estação seca no inverno. A precipitação média anual é de 1.250 mm e a temperatura média anual é superior a 18°C, sendo janeiro o mês mais chuvoso, com precipitação média de 200 mm e julho o mais seco, com precipitação média de 25 mm.

O uso do solo no contexto ambiental em questão é predominantemente definido pela pastagem seguido da utilização para culturas temporárias (feijão, milho, amendoim e algodão), perenes (café, seringueira e laranja) e semiperenes (cana-de-açúcar). Pequenas parcelas são recobertas com vegetação natural mais próximas aos cursos d'água, em áreas de maior declividade e em pequenos pontos das colinas. Somam-se a esse contexto as áreas urbanas e os sistemas viários.

A vegetação que ainda se observa na região é formada por matas secundárias e capoeiras que sucederam às derrubadas das matas originárias primárias e que atualmente se encontram em estado de regeneração. *“São constituídos por indivíduos lenhosos, árvores finas compactamente dispostas, e por espécies espontâneas que invadem as áreas devastadas; apresentam desde porte arbustivo (médio a alto) até porte arbóreo (médio a alto)”* (CBH-AP 1997: 64). Nessa categoria estão incluídas as matas-galerias que acompanham os cursos d'água, além da vegetação de encostas e alguns locais de colinas.

A documentação histórica: subsídio para prospecções arqueológicas

A ocupação humana nas áreas banhadas pelos rios Feio/Aguapeí e do Peixe pode ser compreendida, atualmente, por meio de algumas fontes históricas de pesquisadores, cronistas e viajantes que registraram a presença de ele-

mentos materiais étnico-culturais da região em questão, fornecendo subsídios para montagem de um panorama etnográfico e arqueológico regional de tempos pretéritos.

No desenvolvimento da pesquisa, o caminho para se atingir o objetivo proposto percorreu um trajeto marcado pela associação de elementos arqueológicos, históricos e etnográficos. Em minha investigação da área pesquisada procuramos elementos para avançar na descrição e identificação da presença indígena, somando dados para o aprimoramento do mapa da ocupação Kaingang nesse ambiente regional.

Para o início das novas pesquisas de campo utilizamos o registro da presença Kaingang entre os municípios de Parapuã, Osvaldo Cruz e Rinópolis, Mesorregião de Presidente Prudente e Microrregião de Adamantina, que foi documentado em 1946 por Carlos Drummond e J. Philipson, professores assistentes da antiga cadeira de Etnografia e Língua Tupi-Guarani, da Universidade de São Paulo, com a indicação de cemitérios e aldeias no Córrego Lagoa, no Córrego Alheiro e no Ribeirão Drava.

Estes autores publicaram um artigo descritivo de sua investigação de campo em 1947, na Revista Sociologia, da Escola Livre de Sociologia e Política (ELSP), intitulado: *“Os túmulos Kaingang de Parapuã”*, onde apresentam um croqui da localização de seis pontos com indicação de túmulos e/ou antigas aldeias com evidência de cerâmica. Além disso, realizaram a escavação e descrição de cinco túmulos em montículo na região.

No artigo os autores descrevem a seguinte situação:

[...] Em março de 1946 foi descoberto, no sítio de propriedade do Sr. Antonio Navarro, a cerca de 2 km da cidade de Parapuã um túmulo, em forma de murundu (montículos de terra), contendo 33 ossadas humanas, conforme notícias na imprensa e comunicado feito à reitoria da Universidade de São Paulo, pelo Sr. Secretário de Segurança Pública [...] Neste mapa os triângulos representam os túmulos e os círculos os lugares supostos das antigas aldeias, identificáveis [...] o túmulo nº1 é o do achado inicial. Foram visitados

no mesmo dia (1º de abril) os murundus assinalados com o nº5. No dia seguinte procedeu-se à escavação do túmulo nº2, no qual curiosos já tinham removido grande parte da terra. A extensão do murundu era aproximadamente de 12,50 m por 12,70 m. Foram encontrados apenas quatro ossos, já muito deteriorados, uma ponta de flecha de ferro e uma moeda, no centro da qual está fixado um pequeno pedaço de corda. Em 3 de abril foi escavado o murundu nº3, de dimensões bem menores, não chegando a 80 cm de altura e com cerca de 1,80 m de diâmetro. O montículo, que se achava dentro de uma mata cerrada, deixou perceber no seu interior uma cavidade, mas encontraram-se apenas alguns pedaços de madeira carbonizada. Neste caso as informações sobre o encontro de peças de cerâmica nas proximidades eram bem positivas. Foram ainda visitados, mas não escavados, os dois murundus grandes, assinalados com o nº4. No lugar da suposta aldeia correspondente, foram adquiridos fragmentos de um vaso, aí encontrado, anos antes, inteiro. O vaso era de forma cônica, tipicamente Kaingang (Drumond e Philipson 1947: 387-389).

Tendo como referência as informações dos autores supracitados, a pesquisa de campo teve como base inicial o município de Parapuã. A principal ação em campo foi a de mapear as indicações sobre os locais de referência Kaingang, levantar dados nas instituições locais e identificar informantes que tenham memória da época.

Entendemos que o patrimônio arqueológico de uma dada região é constituído pelos vestígios materiais remanescentes dos processos culturais que nela se sucederam, em períodos pré-coloniais e históricos. Portanto, para caracterizá-lo, é preciso:

- Identificar os tipos de vestígios materiais que podem ter restado dos antigos assentamentos das populações que ocuparam o território da área de estudo, em tempos anteriores e posteriores à colonização europeia;

- Verificar as possibilidades reais desses vestígios ainda se encontrarem preservados e em que grau de integridade;

- Avaliar a importância desses vestígios para a memória regional e nacional.

Desta forma, a investigação da área delimitada articulou-se a partir de prospecções não interventivas realizadas de forma oportunística, ou em pontos determinados a partir das informações obtidas com a leitura dos documentos históricos, associadas às informações orais fornecidas por moradores locais dos municípios envolvidos na área de pesquisa.

Como aplicação do exercício investigativo de campo na execução dos procedimentos de prospecção arqueológica, o recorte do universo pesquisado foi à definição de um módulo geográfico que se baseia, em termos gerais, na área identificada por Drumond e Philipson em seu artigo de 1947. Especialmente essa delimitação teve como referência ao norte a divisa entre os municípios de Rinópolis e Oswaldo Cruz, na confluência do córrego da Lagoa com o ribeirão Drava; a oeste, a divisa de municípios entre Oswaldo Cruz e Parapuã, com o córrego Lagoa; a leste o município de Rinópolis e, por fim, a sul a margem direita do rio do Peixe, na confluência com o ribeirão da Onça, no município de Parapuã.

Durante a execução do levantamento, levamos em consideração os principais cursos d'água que recortam a área, pois estes locais favorecem os assentamentos humanos. Assim, a técnica de prospecção arqueológica não interventiva se constituiu num conjunto diversificado de alinhamentos definidos por *transects* aplicados à área para orientar o caminhamento e observação da superfície dos terrenos. Cada canal de drenagem foi utilizado como um eixo direcionador e definido como referência para a caminhada no módulo pesquisado. Além disso, durante o trabalho de campo, nos deparamos com as áreas ocupadas por atividades antrópicas, como pastagens, muitas vezes impedindo-nos de ter uma visão ampla do contexto pesquisado, mas também solos expostos devido ao processo de aragem utilizado na agricultura⁴.

4 Todas as terras investigadas são propriedades privadas e esta situação vem dificultando o avanço da pesquisa pelo fato de que os proprietários relutam em permitir o acesso a suas propriedades.



Fig. 1. Croqui da localização aproximada da presença de enterramentos e aldeias Kaingang idealizado por Drumond e Philipson em 1947.

Adotamos como parâmetro o que Araújo (2001) definiu como “*levantamento abrangente extensivo*”. Método prospectivo efetivo na cobertura de grandes áreas, onde percorremos porções da área pesquisada considerando todas as classes de vestígios arqueológicos localizados (Araújo 2000: 141). Todos os lugares levantados foram registrados fotograficamente e georreferenciados, somando-se anotações em cadernos de campo a respeito das impressões observadas na área investigada. No âmbito desta prospecção arqueológica, sempre que encontradas evidências arqueológicas nas áreas vistoriadas, as mesmas foram registradas a partir da identificação do material no terreno pelo Sistema de Posicionamento Global (GPS - *Global Positioning System*) a partir de coordenadas UTM, com posterior coleta de material arqueológico.

Utilizamos como base cartográfica a documentação produzida pelo IBGE, módulos Salmourão (folha SF-22-X-C-IV-1), Rinópolis (SF-22-X-C-IV-2), Osvaldo Cruz (SF-22-X-C-IV-3) e Tupã (folha SF-22-X-C-IV-4), Datum Córrego Alegre, com escala 1:50.000, de 1974, além do Mapa Municipal Estatístico - Parapuã/SP - com escala 1:50.000, datum SAD 69, 2007,

também produzido pelo IBGE. O Datum SAD 69 foi o mesmo utilizado para navegação manual com a utilização de GPS (*Global Positioning System*) no registro dos itinerários.

Para o trabalho de campo e aplicação da prospecção por caminhamento, levamos em consideração geoindicadores aplicados à Arqueologia, alterações no solo, natural e artificial, que permitissem observar tanto a própria superfície quanto a sua estratigrafia, como por exemplo, cortes de estradas, barrancos expostos, caminhos de gado, locais erodidos, entre outras situações, cascalheiras rochosas, etc.

Esse procedimento foi adotado seguindo o objetivo principal da pesquisa em desenvolver estudos de sítios arqueológicos associados à população indígena Kaingang, porém, não deixando de realizar o registro de outras evidências arqueológicas localizadas. Levamos em consideração também o fato de que a área vem sofrendo a interferência agrícola, o que permite a evidenciação de vestígios arqueológicos de camadas estratigráficas de baixa profundidade.

Ao todo foram registrados 68 pontos de observação superficial, detalhadas ao longo dos caminhamentos, que podem ser observados no mapa de prospecção (fig. 2). Até o momento, como resultado desse primeiro levantamento, registramos a presença de vestígios arqueológicos, cuja compreensão se dá a partir do entendimento de qualquer objeto encontrado que, em determinada época, fez parte de um sistema sociocultural, com a localização de dois sítios arqueológicos cerâmicos a céu aberto e a ocorrência de uma lâmina isolada de machado polido, além de conferir *in loco* alguns locais identificados no croqui de Drumond e Philipson (1947) pela presença de cemitérios Kaingang que, apesar dos relatos de atuais moradores das propriedades rurais confirmarem a existência no passado de ossadas humanas, estes locais foram totalmente destruídos.

Procurando entender como a dinâmica da ocupação espacial Kaingang acontecia no contexto da região identificada como “*sertão desconhecido*”, no oeste do Estado de São Paulo, buscamos nas fontes textuais os dados e informações a respeito dos diferentes locais identi-

ficados por ocorrências concretas da presença desse grupo étnico.

Ao retomar minha investigação da área pesquisada para avançar na descrição e identificação da presença indígena, tendo em vista o aprimoramento do mapa da ocupação Kaingang, utilizamos as informações descritas nos documentos históricos identificados em instituições culturais nos municípios vistoriados, registrando e sistematizando dados que pudessem orientar a investigação arqueológica na área de abrangência.

Estes registros históricos identificam na paisagem a presença de canais de drenagem, nomes de fazendas, de proprietários de terras e relatos de antigas escavações arqueológicas que se somam a presença de cemitérios, referências de aldeias e acampamentos Kaingang identificados na bibliografia a ser analisada e que se entrecruzam para definir o mapeamento dos locais da presença e domínio territorial desse grupo étnico. Alguns relatos são descritos a partir da presença de cemitérios Kaingang ou mesmo de antigas aldeias. No âmbito da Arqueologia, esses locais foram escavados por diferentes profissionais em várias épocas e registram a presença Kaingang a partir de testemunhos característicos: os enterramentos em montículos (Rodrigues 2007).

Para finalizar

O estudo da cultura material de populações indígenas contemporâneas e de sua história constitui-se em um objeto privilegiado de pesquisa e aprendizado para os arqueólogos, pois permite uma compreensão da dinâmica dos processos de produção e uso dos itens materiais na construção cultural de um povo.

O panorama definido com a pesquisa que estou desenvolvendo fortalece a ideia da presença da população Kaingang no contexto do Oeste Paulista, principalmente na região do médio-alto curso do rio Feio/Aguapeí, pelo menos, a partir do século XIV como se configura no resultado da datação do material cerâmico (Rodrigues 2007).

O território Kaingang é apresentado com detalhes a partir de uma reflexão que tem como elemento principal seu modo de organização social e utilização espacial na formação de suas aldeias. A partir das pesquisas que estou desenvolvendo posso afirmar que o modelo de ocupação do território Kaingang, no sertão paulista, se deu a partir de áreas fixas definidas pelas aldeias com duração prolongada, seguida de ocupações temporárias para atividades de subsistência. Esses locais fixos se encontram

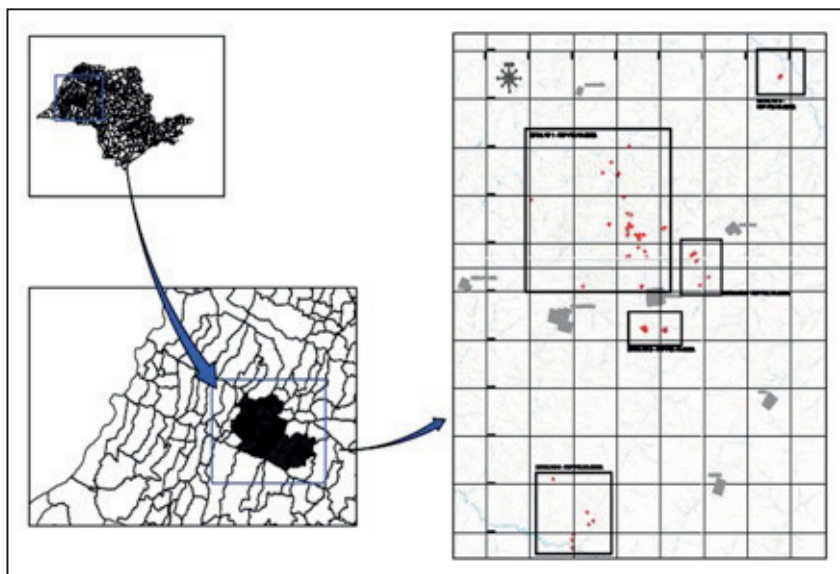


Fig. 2. Módulos geográficos para localização e definição das áreas de prospecção arqueológica (Fonte: Rodrigues 2010).



Fig. 3. Foto localizada no museu municipal e na escola estadual de Parapuã onde se observa o desenterramento que foi realizado no ano de 1946, contendo 33 ossadas em associação com material diversificado caracterizado pelo modo de enterramento Kaingang.



Fig. 4. Cartografia localizada no museu municipal de Parapuã onde se observa referência de conflitos entre a frente colonial e os Kaingang publicado por Bruno Giovannetti, no Album Histórico do município de Quatá, em 1953.

em regiões mais altas e próximas a pequenos e médios canais de drenagem, cercados por densas florestas, ao passo que os acampamentos temporários são montados nas proximidades dos rios mais caudalosos onde há abundância de animais para a caça e peixes para a pesca.

No decorrer do século XX, mais especificamente entre a primeira e segunda década, são criadas pelo Serviço de Proteção ao Índio (SPI)

as reservas destinadas ao agrupamento das populações indígenas remanescentes dos conflitos com a frente de expansão capitalista no Oeste Paulista. Atualmente estes locais são definidos pela Terra Indígena Icatú, próximo da estrada Penápolis-Aguapeí, no município de Braúna e a Terra Indígena Índia Vanuíre, próximo ao rio Feio/Aguapeí, margem esquerda, no município de Arco Íris. Estas áreas correspondem

a uma pequena parcela do que foi o território ocupado pelas populações indígenas.

Portanto, o rio Feio/Aguapeí e o rio do Peixe estão diretamente ligados ao modo como a sociedade Kaingang fundamenta sua existência e, nesse sentido, estes rios lhes pertencem.

Portanto, retomar o território de domínio indígena passa a ser, na atualidade, uma ação fundamental na estruturação das condições necessárias para a própria continuidade da diversidade étnica presente na região oeste do Estado de São Paulo.

RODRIGUES, R. The comprehension of the Kaingang territory in the West of the State of São Paulo based on the material culture: interpretative possibilities in the archaeological analysis. . R. *Museu Arq. Etn.* 27: 44-54, 2016.

Abstract: The study of the material culture of contemporaneous indigenous populations is a privileged object of research and learning for the archaeologists, for it allows the comprehension of the dynamics of the production processes of material items as well as the usage of these in the cultural construction of a group. During the historical process, the Kaingang, due to inter-ethnic contact, drastically diminished their pottery production, as well as the way they occupied and utilized the space and system of their settlements. With the intention of building interpretative models about the behavioral aspects and past social dynamics, and at the same time understand how different historic elements that come from the capitalist expansion process provoked alterations on the indigenous way of life, the approach I have been conducting my research defines a scenery of the Kaingang occupation in the West of the State of São Paulo based on data generated by archaeological interpretations on the analyses of material culture and historical documentation identified during researches in indigenous territory. the analyses of material culture and historical documentation identified during researches in indigenous territory.

Keywords: Kaingang territory; Pottery technology; West of the State of São Paulo; Ethnoarchaeology; Historical documentation.

Referências Bibliográficas

Araújo, A.G. de M. 2001. *Teoria e método em arqueologia regional: um estudo de caso no Alto Paranapanema, estado de São Paulo*. Tese de doutorado. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas - Museu de Arqueologia e Etnologia, Universidade de São Paulo, São Paulo.

CBH-AP. 1997. *Relatório de situação dos recursos hídricos das bacias dos rios Aguapeí e Peixe*.

CETEC, SP. Disponível em: <http://www.sigrh.sp.gov.br>.

Drumond, C.; Philipson, J. 1947. Os túmulos Kaingang de Parapuã. *Sociologia: Revista Didática e Científica*, IX (4).

Gould, R.A. 1971. The Archaeologist as Ethnographer: a Case Study from Western Desert of Australia. *World Archaeology*, nº 31.

- Gould, R.A. 1977. Some current problems in ethnoarchaeology. *Experimental Archaeology*. New York: Columbia University Press.
- Gould, R.A. 1978. Beyond Analogy in Ethnoarchaeology. In: Gould, R.A. (Ed.) *Explorations in Ethnoarchaeology*. Albuquerque: Univ. of New Mexico Press.
- Landa, B. dos S. 2005. *Os Nãndeva/Guarani e o uso do espaço na terra indígena Lindo/Jakarey, município de Japorã/MS*. Tese de doutorado. Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Rio Grande do Sul.
- Miller Jr., T.O. 1978. Tecnologia cerâmica dos Kaingang Paulista. *Arquivos do Museu Paraense*, N. S. Etnologia, Curitiba, 2.
- Ribeiro, D. 1986. *Índios e a civilização: a integração das populações indígenas no Brasil moderno*. Petrópolis: Vozes, 5. ed.
- Rodrigues, R. 2007. *Os Caçadores-Ceramistas do Sertão Paulista: Um estudo etnoarqueológico da ocupação Kaingang no Vale do Rio Feio/Aguaçu*. Tese de doutorado. MAE-USP. São Paulo/SP.
- Rodrigues, R. 2010. *Relatório Técnico das Atividades de Pesquisa*. Projeto: Estudos etnoarqueológicos da população Kaingang no Oeste Paulista: produção tecnológica e ocupação espacial. PROJETO: 501002/2009-0. PROCESSO: 151425/2009-4/CNPq. MODALIDADE: Pós-Doutorado Junior – PDJ.FCL/UNESP. Araraquara/SP.
- Sakai, K. 1981. *Notas arqueológicas do Estado de São Paulo*. São Paulo: Instituto Paulista de Arqueologia, Nippon Art.
- Schiffer, M.B. 1972. Archaeological Context and Systemic Context. *American Antiquity*, v. 2, nº37.
- Schiffer, M.B. 1978. Methodological Issues in Ethnoarchaeology. In: R.A. Gould (Ed.). *Exploration in Ethnoarchaeology*. Albuquerque: University of New Mexico Press.
- Schiffer, M.B. 1983. Toward the identification of formation processes. *American Antiquity*, nº48.
- Silva, F.A. 2000a. As cerâmicas dos Jê do sul do Brasil e os seus estilos tecnológicos: elementos para uma etnoarqueologia Kaingang e Xoc Leng. In: Mota, L.T. et al. (Org.). *Uri e Wãxi – estudos interdisciplinares dos Kaingang*. Londrina: Ed. da Univ. Est. Londrina.
- Silva, F.A. 2000b. *As tecnologias e seus significados: um estudo da cerâmica dos Asurini do Xingu e da cestaria dos Kayapó-Xikrin sob uma perspectiva Etnoarqueológica*. Tese de doutorado. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo.